

Modernização urbana, imprensa e cotidiano: bondes elétricos e acidentes em Belém

Fernando Augusto Souza Pinho / ESAMAZ - ARCON-PA

Resumo: no início do século XX diversas ações "modernizadoras" empreendidas buscaram destruir as feições coloniais da cidade de Belém, adequando-a aos moldes europeus e "civilizados" da época. No contexto dessas reformas, um dos objetivos perseguidos pelo poder público municipal foi a substituição do precário serviço de bondes a tração animal por bondes elétricos. Este trabalho pretende, a partir da análise de registros jornalísticos publicados entre 1906 e 1908, discutir um aspecto intrínseco à implantação dos bondes elétricos em Belém: os acidentes e sua repercussão junto à imprensa local. Observou-se que, ao "monitorar" os atos do poder público municipal, tais informes destacaram importantes pontos que questionavam os reais benefícios da eletrificação do transporte, como o precário conhecimento sobre a nova tecnologia em implantação e os acidentes ocorridos.

Palavras-chave: Modernização urbana, imprensa, bondes elétricos.

Introdução

A historiografia produzida sob a perspectiva das reformas urbanas, na passagem do século XIX para o século XX, aponta como uma das conseqüências desse fenômeno a formação de uma *nova sensibilidade*¹, moldada a partir do avanço tecnológico, pela expansão do mercado internacional, além de ações promovidas pelo poder público no sentido de tornar essas cidades lugares de "ordem", "civildade" e "progresso". No Brasil, a influência de padrões europeus de urbanização, sobretudo o francês ("hausmanniano"), caracterizou a remodelação de importantes cidades. A série de ações "modernizadoras" buscava destruir as feições coloniais de nossas cidades, procurando adequá-las aos moldes europeus e "civilizados" da época. Em Manaus e Belém, a modernização pretendida era desejo de um novo grupo dominante, a "elite da borracha", que ansiava mostrar ao "mundo civilizado" que estas cidades poderiam ser vistas também como referências de "progresso"².

Na cidade de Belém, a gestão do intendente Antônio Lemos (1897-1911) foi o período mais expressivo destas transformações. Tendo o **saneamento** e a **estética** como frentes de intervenção na cidade, o poder público municipal perseguiu a construção do "moderno" e do "belo" e a demolição do "arcaico" e do "feio". Em paralelo às ações em busca de uma nova

¹ BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, v. 5, n. 8/9, p. 35-68, set. 1984/abr. 1985; BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

² DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto*. Manaus: Valer, 1999; SARGES, Maria de Nazaré. *Belém*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

2

estética urbana, observa-se também o interesse do poder público municipal pelo uso de novas tecnologias, como foi o caso da eletrificação do transporte coletivo.

Este trabalho pretende, a partir da análise de registros jornalísticos publicados entre 1906 e 1908, discutir um aspecto intrínseco à implantação dos bondes elétricos em Belém: os acidentes e sua repercussão junto à imprensa local. Pressuponho, deste modo, que as notícias e demais textos publicados no jornal “Folha do Norte” permitem revelar alguns dos sentidos atribuídos pelos jornalistas à implantação dos bondes elétricos. Procuo, neste recorte, “recobrar o pulsar no cotidiano, recuperar sua ambigüidade e pluralidade de possíveis vivências e interpretações”³, considerando as implicações do uso do jornal como fonte⁴.

Iniciam-se os acidentes: “Sai do trilho! Olha o bonde!”

A primeira notícia sobre acidentes envolvendo os bondes elétricos narrava um choque ocorrido entre dois veículos, por volta das 10 horas, em 9 de setembro de 1907⁵. O guarda-freio João dos Santos, ao perceber o iminente choque com um bonde que vinha à sua frente, tentou parar seu veículo, mas a manivela emperrou. João tinha ficado tão “atarantado” que não havia se lembrado do isolador da corrente elétrica que existia no teto do bonde, “preocupando-se apenas em travar o ‘break’”, o que não conseguiu evitar o choque entre os dois veículos, que ficaram “bastante danificados e em estado de não poderem transitar”. Começariam aí os informes acerca da falta de maior domínio sobre a recente tecnologia por aqueles que com ela trabalhavam.

Mais adiante, em dezembro de 1907, o jornal fazia um alerta à semelhança de uma previsão:

Há motorneiros da Pará Electric⁶ que não têm a noção clara do papel que desempenham e, por esse fato, os desastres sucedem-se freqüentemente. Felizmente, até agora esses desastres ainda não foram fatais; mas se não se procurar por um paradeiro a isso, brevemente a imprensa terá que registrar lamentáveis acidentes, em que a vida dos passageiros será sacrificada.⁷

³ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura*. Bauru: EDUSC, 2002, p. 26.

⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. Na trama urbana: do público, do privado e do íntimo. *Projeto História*, n. 13, p. 129-149, jun. 1996; BALCÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913). In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 225-256; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

⁵ “Os electricos”. *Folha do Norte*, 10 set. 1907, p. 1.

⁶ A *Pará Electric* foi a empresa, organizada em Londres, para a implantação da viação elétrica, em substituição à Companhia Urbana de Estrada de Ferro Paraense.

⁷ “Que imprudencia!”. *Folha do Norte*, 2 dez. 1907, p. 1.

Prossegue, então, o jornalista narrando um acidente ocorrido, por volta das 20 horas, no qual a imprudência de um motoneiro foi a causa principal. Francisco Marcolino Rocha “levava o carro a toda a velocidade, pela Avenida Tito Franco” e ao chegar ao lugar chamado “Bandeira Branca”, na curva de volta ao centro de Belém, em vez de diminuir a velocidade manteve-a. Em consequência disso, os passageiros do bonde elétrico sofreram um violento choque, sendo que três deles foram cuspidos ao solo. Uma das vítimas recebeu um ferimento profundo na perna direita, além de outros pelo corpo.

A partir do primeiro registro, a gravidade e a frequência dos acidentes nos quais os elétricos estavam envolvidos mantiveram uma relação diretamente proporcional com o passar dos dias.

O primeiro acidente com ferimentos mais graves ocorreu no dia 6 de fevereiro de 1908, às 08:30 horas⁸. O estivador Espiridião Amorim seguia pelo passeio da rua Santo Antônio, quando em frente à uma loja, em função de uma escada que obstruía seu caminho, teve que descer para o meio do trilho que passava próximo. Ao fazê-lo, Espiridião não se apercebera do bonde, que subia em direção à Praça da República, e foi “colhido” por ele. O estivador foi atirado ao solo, ficando com o pé esquerdo no trilho, “passando-lhe uma das rodas por cima, e arrancando-lhe toda a palma do pé”.

Em abril de 1908 é noticiado o primeiro informe fatal⁹. O acidente envolveu o português Manoel Araújo de Campos, despenseiro do vapor “Ipú”, que residia em Pernambuco. Às 11:30 horas, o despenseiro, saindo do Café da Paz, correu para tomar um bonde em movimento, porém do lado que não podia fazê-lo, “visto o estribo estar levantado e o travessão lhe impedir”. Ao saltar para o veículo, Manoel caiu, “ficando no vão entre o elétrico e o primeiro reboque”, onde foi mutilado. Ao saber do fato, o motoneiro parou o veículo e o proprietário de uma farmácia próxima correu para acudir o acidentado. Já no interior da farmácia, ele morreu.

Um pouco mais tarde, semanas depois, outra morte causa comoção ao jornalista da “Folha do Norte”: a de Izidoro Algo, um turco de 16 anos¹⁰. O acidente teve origem na imprudência ou mesmo no descuido da vítima, tendo em vista que o motoneiro do veículo

⁸ “Os electricos”. *Folha do Norte*, 7 fev. 1908, p. 1. A nota também informa a ocorrência de outro acidente, envolvendo um elétrico da linha do Marco e uma carroça, onde um indivíduo e seu filho “escaparam da morte milagrosamente”.

⁹ “Os electricos matando”. *Folha do Norte*, 29 abr. 1908, p. 1.

4

que ocasionou o desastre era tido como um dos melhores empregados da *Pará Electric*. Izidoro, vendedor de doce de gergelim, atravessava distraidamente os trilhos, não ouvindo a campainha e os gritos do motoneiro. E ainda que o bonde estivesse com a corrente interceptada e com o freio automático acionado, o tempo não foi suficiente para evitar o choque. Ao invés de sair dos trilhos, o rapaz parou de costas para o elétrico, sendo então apanhado e atirado ao chão, com ferimentos graves, falecendo em seguida.

Em geral, as notas jornalísticas referiam-se à velocidade dos veículos, enquanto consequência da imprudência dos motoneiros, como a principal causa dos acidentes. Referências como “toda velocidade”, “vertiginosa carreira”, “rapidez diabólica”¹¹, entre outras, demonstram que já se iniciava uma diferenciação na forma como era percebida a presença e o impacto desses “novos” engenhos no dia-a-dia da cidade. Após os acidentes, os motoneiros e condutores envolvidos nos acidentes eram normalmente encaminhados à estação de polícia para averiguações. Em outros casos, os motoneiros continuavam a sua viagem, “com grande desfaçatez”¹², prosseguindo o elétrico a “sua marcha célere, como se nada houvesse acontecido”¹³. Observou-se também, em algumas notas, que as condições de trabalho a que estavam submetidos esses trabalhadores os faziam agir imprudentemente, de modo que não fossem penalizados pelos atrasos¹⁴.

As notícias indicam ainda, em diversas situações, a imprudência como causa dos acidentes¹⁵: usuários afoitos que correram para tomar o bonde de assalto; usuários que quiseram desembarcar do bonde pelo lado em que não era permitido ou antes que o veículo parasse; pedestres que, com a obstrução de calçadas ou para dar passagem a outros transeuntes, percorriam o leito ferroviário e foram apanhados pelo bonde; trabalhadores que

¹⁰ “Electricos assassinos”. *Folha do Norte*, 9 maio 1908, p. 1.

¹¹ “Que imprudencia!”. *Folha do Norte*, 2 dez. 1907, p. 1; “Os electricos”. *Folha do Norte*, 10 abr. 1908, p. 1; “Os electricos”, *Folha do Norte*, 25 maio 1908, p. 2; “Attingido por um electrico”. *Folha do Norte*, 17 mar. 1908, p. 1.

¹² “Os electricos”. *Folha do Norte*, 25 maio 1908, p. 2.

¹³ “A Pará-Eléctrica”. *Folha do Norte*, 24 mar. 1908, p. 1.

¹⁴ “Electrico assassino”. *Folha do Norte*, 4 ago. 1908, p. 1.

¹⁵ “Mais um desastre ocasionado pelos bonds”. *Folha do Norte*, 19 mar. 1908, p. 2; “Os electricos”. *Folha do Norte*, 10 abr. 1908, p. 1; “Imprudencia perigosa”. *Folha do Norte*, 26 maio 1908, p. 1; “Os electricos e suas victimas”. *Folha do Norte*, 22 jul. 1908, p. 1-2; “Victima de uma imprudencia”. *Folha do Norte*, 26 mar. 1908, p. 1; “Os electricos e suas victimas”. *Folha do Norte*, 22 jul. 1908, p. 1-2. “Os electricos e suas victimas”. *Folha do Norte*, 23 jul. 1908, p. 1; “Sempre os electricos”. *Folha do Norte*, 21 ago. 1908, p. 1; “Os electricos”. *Folha do Norte*, 7 fev. 1908, p. 1; “Os electricos agindo”. *Folha do Norte*, 1 ago. 1908, p. 1; “Um ‘match’ electrico”. *Folha do Norte*, 6 mar. 1908, p. 1; “Pobre velhinha!”. *Folha do Norte*, 17 mar. 1908, p. 1; “Electrico assassino”. *Folha do Norte*, 4 ago. 1908, p. 1; “Um desastre na via electrica”. *Folha do Norte*, 31 maio 1908, p. 1; “Estes electricos!”. *Folha do Norte*, 8 jul. 1908, p. 1; “Os desastres dos electricos”. *Folha do Norte*, 18 ago. 1908, p. 1.

5

no exercício de sua atividade foram “colhidos” por um elétrico; a desatenção de idosos; e os casos mais comuns que referiam-se a transeuntes que não se aperceberam da presença dos bondes elétricos ou não ouviram os seus sinais de alerta.

Foram encontrados também relatos envolvendo crianças e adolescentes, cuja distração era tida como causadora dos acidentes. É o caso, por exemplo, de Josino Bandeira, um cearense, de 17 anos, que chegara a Belém e caminhava “despreocupadamente”, “alheiado de tudo”, para o comércio de um conterrâneo seu, quando foi atropelado por um bonde ao atravessar a rua¹⁶. Outros informes semelhantes apontariam para as conseqüências do “trabalho precoce”, como se observa nas notas sobre os acidentes em que se envolveram¹⁷: um menino, vestido de preto, com uma trouxa de roupa na cabeça, que se dirigia para o centro da linha de bondes elétricos, quase apanhado se não fosse tirado da linha por um fiscal da *Pará Electric*; Maria Dolores (12 anos, criada), que se dirigia “distraidamente” para os trilhos; João Tavares, que “sonolento e despreocupado” fazia a limpeza dos trilhos, às 5 horas da manhã; Fabriciano Campos (12 anos, trabalhador em um armazém) que brincava de bola em frente ao seu local de trabalho; Pedro Rodrigues (14 anos, cearense, empregado da *Pará Electric*), que, por volta das 3 horas da manhã, seguia em um dos bondes que distribuíam carnes para os açougues e “um desastre inesperado” o fez cair do bonde, sobre os trilhos; Juvenal Ratisbonne (criado de um estabelecimento), que foi fazer compras em um mercearia e, enquanto eram aviadas as mercadorias que tinha de levar, pôs-se a brincar na rua, pulando nos bondes que ali passavam, sendo uma das vezes apanhado por um elétrico; Concha Rodrigues, (12 anos, espanhola) que ia fazer compras em uma mercearia e no regresso à casa dos patrões de sua mãe, ao atravessar a linha de bondes, foi colhida por um elétrico; Francisco Maria Velho (português, empregado em uma mercearia) que empurrava um carrinho de mão, no espaço da entrelinha, e ao desviar de um bonde não se apercebeu de outro que vinha em sentido contrário.

Impressões de “rabiscadores de notícias”¹⁸

¹⁶ “Sempre os electricos”. *Folha do Norte*, 28 mar. 1908, p. 1.

¹⁷ “Por um triz”. *Folha do Norte*, 31 maio 1908, p. 1; “Semana dos electricos”. *Folha do Norte*, 31 mar. 1908, p. 1; “Attingido por um electrico”. *Folha do Norte*, 17 mar. 1908, p. 1; “Cá estão os electricos”. *Folha do Norte*, 22 abr. 1908, p. 1; “Os electricos agindo”. *Folha do Norte*, 1 ago. 1908, p. 1; “Os desastres dos electricos”. *Folha do Norte*, 18 ago. 1908, p. 1; “As victimas dos electricos”. *Folha do Norte*, 30 set. 1908, p. 1; “Escapou da morte”. *Folha do Norte*, 11 nov. 1908, p. 1.

¹⁸ É desta maneira que um jornalista se intitula (“Sempre os elétricos”. *Folha do Norte*, 21 ago. 1908, p. 1).

O conjunto desses acidentes que ocorriam na cidade de Belém imprimia às mentes dos jornalistas da “Folha do Norte” diversas imagens e sentimentos. Os registros desses acontecimentos trágicos mostram que a imprensa constituiu-se como importante e privilegiado meio para a verificação dos impactos negativos da introdução “apressada” de um novo modo de viver no início do século XX.

A análise dos registros dessas experiências, originárias do confronto com o outro lado da modernidade, revelam a instabilidade característica de novas situações: a surpresa; o medo do desconhecido e do incontrolável — o pavor da máquina monstruosa, da modernidade que fere e que mata. O repórter revela sua condição de espectador social, sendo influenciado pela crueldade dos acidentes e influenciando a sociedade com a dramaticidade de seus escritos.

Em um primeiro momento, o jornalista parece cumprir o seu papel como representante popular junto às autoridades, pedindo por providências para os graves acidentes que ocorrem.

São contínuas as queixas contra o pessoal da Pará Electric. A imprensa diariamente registra fatos, mas estes sucedem-se com a mesma persistência, sem que se tomem as necessárias medidas de precaução.

Manda-se parar um veículo, e este segue impávido a sua marcha: vai atrasado, dizem o motorneiro e o condutor, que fazem tudo o que querem e muito mais ainda (...)

É o caso do salve-se, dos elétricos, quem puder.

Deu-se ontem um desastre ocasionado por um dos bondes da linha do Marco, e que ia custando a vida a uma pobre velhinha, vergada já ao peso dos seus sessenta anos, e muitos outros se darão, porque não há quem providencie.

Dantes, quando qualquer fato anormal ocorria no serviço de viação, era logo comunicado à estação ou quiosque mais próximo; hoje não. Esmaga-se um passageiro e o bonde prossegue a viagem, muito lampeiro, sem dar satisfação a ninguém.

Qual foi o veículo? Ninguém o sabe. Foi um bonde, eis todas as informações.¹⁹

Mais tarde, o jornalista passa da figura que informa para aquele que, em posição privilegiada, alerta os munícipes sobre o grave perigo a que estão expostos:

Até aqui os elétricos atropelavam, despedaçavam, destroçavam; agora matam.

Ontem, esses pavorosos, que diariamente vinham incutindo o terror no espírito de todos, pela freqüência dos desastres que ocasionavam, consumaram o primeiro sacrifício de uma vida humana.

É bem verdade que por imprudência da vítima, mas mataram.²⁰

¹⁹ “Pobre velhinha!”. *Folha do Norte*, 17 mar. 1908, p. 1.

²⁰ “Os electricos matando”. *Folha do Norte*, 29 abr. 1908, p. 1.

Não é percebido, até então, maior envolvimento com a situação, persistindo certa neutralidade à notícia. Porém, já pode ser constatada a surpresa frente à suposta “normalidade” com que ocorrem os acidentes, como se estes já fizessem parte do cotidiano belemita. Por muitas vezes, a ironia está presente, conforme apontam os trechos destacados:

Anteontem, domingo, os *elétricos* estiveram de *folga*, não se registrando nenhum desastre de maior.

Ontem, porém, os pavorosos reencetaram a faina e logo pela manhã deram sinal de si.²¹

Os elétricos encerraram a semana como a haviam iniciado — com desastres.²²

Os elétricos estiveram alguns dias sem dar que falar de si. Comportaram-se durante a semana santa; mas ontem romperam a sua *aleluia*, escolhendo para *judas* um pobre menor que esteve em risco de perder a vida.²³

Meses mais tarde, o jornalista, não mais surpreso com esse comportamento passivo diante das tragédias, criticaria mais explicitamente esse novo hábito, resultado talvez do recente e acelerado processo de urbanização que a cidade de Belém vinha passando:

O público desta capital está já tão habituado a encontrar diariamente nos editoriais das gazetas locais notícias de desastres ocasionados pelos *famigerados* elétricos, que quando não as encontra, exclama muito naturalmente:

— A reportagem, ontem, fez *forfait*.

Em parte tem razão, e conquanto esta asserção seja contra o humilde rabiscador de notícias, é forçoso confessá-la. Mas também é justo dizer que somente os desastres de maior torno chegam aos ouvidos da direção da companhia e esta tem o máximo empenho em ocultá-los.²⁴

Ora, se o público encontrava-se ávido por informes mórbidos de acidentes, o “humilde rabiscador de notícias” deveria, então, procurá-las! Porém, contraditoriamente, o mesmo jornalista que se queixa da naturalidade com que o povo as cobra também se defende acusando a *Pará Electric* de sua ocultação.

Em outra direção, observa-se também que, diante de tamanha naturalidade diante dos graves acidentes que ocorriam e também do sensacionalismo estampado nas notícias dos jornais, o jornalista questiona o próprio sentido de seu ofício. Ao narrar um acidente envolvendo um adolescente, um fato que proporcionava normalmente um maior envolvimento

²¹ “Semana dos electricos”. *Folha do Norte*, 31 mar. 1908, p. 1. Os destaques constam no original.

²² “A semana dos electricos”. *Folha do Norte*, 6 abr. 1908, p. 1.

²³ “Cá estão os electricos”. *Folha do Norte*, 22 abr. 1908, p. 1. Os destaques constam no original.

²⁴ “Sempre os elétricos”. *Folha do Norte*, 21 ago. 1908, p. 1. Os destaques constam no original.

8

com a notícia, o repórter assume a figura do espectador do urbano, já cansado das tragédias:

A frequência dos desastres ocasionados pelos veículos da Pará-*Electric* já vai perdendo o poder de emoção com que o público recebe fatos da natureza daqueles que trucidam os ossos, retalham as carnes, ocasionam a morte, em suma.

Acaba de ser colhido por um elétrico um indivíduo que passava pela rua tal, diz um popular qualquer; e o único interesse que prende a atenção de quem ouve a notícia, é saber se a vítima morreu e quem era ela.

Se não é conhecida, prosseguem o seu caminho com a mesma despreocupação com que iam. Só um indivíduo toma interesse pelo fato — não porque seja mais sensível, ou porque sinta a mais pequena alteração na *pêndula da vida*, como um poeta chamou ao coração humano — mas por dever de ofício: — é o repórter. Para este não há males que o comovam, tragédias que o horrorizem. Tem já o calo do ofício.

Para ele é indiferente que o indivíduo morra ou não; tendo o caderno cheio de notas que lhe dêem margem a um vasto noticiário, sente-se feliz. Quanto mais desastres, tanto melhor. A desgraça dos outros, nesse ponto, torna feliz a sua vaidade.²⁵

Progressivamente é verificada uma significativa mudança na postura com o que o noticiarista abordava os episódios, caracterizada por um maior envolvimento com o fato noticiado. Agora não parece um simples e corriqueiro evento, mas sim um grave estado em que a sociedade se encontra. Mais uma vez, recorrendo ao registro de um acidente em que um rapaz foi vítima fatal, tem-se a expressão mista de dor, raiva e medo:

Mais uma vítima dos elétricos, mais um desastre a juntar aos muitos que ultimamente se têm dado.

A odisséia de dor e de desesperos continua a pairar sobre a cabeça da humanidade como um estigma fatal, inevitável, medonho!

Quando julgamos estar ao abrigo da mão férrea do infortúnio, eis que se interpõe no nosso caminho o estorvo negro da morte e somos obrigados a empreender a infundável trajetória do desconhecido.

Foi o que sucedeu ao infeliz turco que ontem perdeu a vida.

Saiu do meio buliçoso da cidade, para os arrabaldes, em procura de granjear a vida, e lá mesmo, a Pária — triste destino! — o foi colher, aniquilando para sempre tantas aspirações de ventura, tantas esperanças sonhadas, tantos desejos acalentados ao calor dos dezesseis anos!²⁶

Afora as imagens medonhas de uma criatura metálica, da qual ninguém escapa, é emblemática a reação do guarda-freios que, mesmo presente à cena, não pôde evitar o acidente. Vê-se, portanto, o homem maldizer a máquina, como se assim pudesse puni-la.

É difícil descrever o estado de consternação e de dor em que ficou o pobre guarda-freios, que envidava todos os seus esforços para evitar o lamentável desastre.

²⁵ “Sempre os electricos”. *Folha do Norte*, 28 mar. 1908, p. 1. Os destaques constam no original.

²⁶ “Electricos assassinos”. *Folha do Norte*, 9 maio 1908, p. 1.

O pobre homem atirou com o corpo sobre um dos bancos do veículos e, maldizendo-se da sorte, com as mãos à cabeça, arrancava os cabelos e chorava como uma criança.²⁷

Ora, se o acidente, como o próprio jornalista declara, não foi culpa do motoneiro ou de outro empregado da *Pará Electric*, mas sim do rapaz, então por que o título da reportagem (“Electricos assassinos”) culpa à máquina? Outra questão, portanto, merece ser colocada: que emoções provocavam essas novidades tecnológicas?

Certamente, as novas relações entre técnica e sociedade vigentes constituíam um complexo painel em que o homem, sob o impacto dessas máquinas, esboçava reações de deslumbramento e de terror. As edições do jornal pesquisado mostram que, diante dessa revolução nos sentidos, os jornalistas passaram a elaborar certos questionamentos acerca das consequências negativas de tais mudanças. Essa reflexão acabaria também por remeter à personificação dos bondes elétricos como criaturas do mal, com adjetivos como “pavorosos”, “assassinos” ou “gênio do mal”, “veículos-extermínio”, “carrascos”, cuja “rapidez diabólica” ou “marcha diabólica”²⁸ assustava a sociedade belenense.

Indiscutivelmente o pessoal da *Pará-Electric* anda com o demo no corpo e nem à mão de Deus Padre entra no caminho da moderação e da urbanidade. São tantas as brilhaturas que praticam que o noticiarista tornar-se-á em breve impotente para registrar todos os fatos, vendo-se na contingência de só se referir aos de maior monta.

Um condutor desrespeita um passageiro, atirando-lhe insultos de arrieiro — é trivial, pela sua freqüência, e não vale a pena incomodarmo-nos; o troco não foi passado direito, o passageiro reclama, e não é atendido — também não vale a pena registrá-lo; manda-se parar o bonde e o motoneiro abre os oito pontos do motor — que vale isso? Faz-se vista grossa; estanca-se de supetão o elétrico por mero divertimento, e os passageiros batem-se de encontro aos espaldares dos bancos — idem, idem; e assim por diante, esses fatos não terão mais importância de futuro.²⁹

Diante de tamanho poder e mistério, certamente chegaria um tempo em que o pobre jornalista, preso à sua condição terrena, não poderia dar conta de todas as desgraças que ocorreriam. Sua sina seria a obrigação de ter que priorizar aquelas mais trágicas e mórbidas. E frente a um futuro não esperado, a única certeza assinalada nas entrelinhas dos rabiscos seria a de que a incerteza do caos era o que realmente poderia ser esperado.

²⁷ “Electricos assassinos”. *Folha do Norte*, 9 maio 1908, p. 1.

²⁸ “Semana dos electricos”. *Folha do Norte*, 31 mar. 1908, p. 1; “Electrico assassino”. *Folha do Norte*, 4 ago. 1908, p. 1; “A semana dos electricos”. *Folha do Norte*, 6 abr. 1908, p. 1; “Os electricos agindo”. *Folha do Norte*, 1 ago. 1908, p. 1; “Attingido por um electrico”. *Folha do Norte*, 17 mar. 1908, p. 1; “Os electricos”. *Folha do Norte*, 10 abr. 1908, p. 1.

Considerações finais

Ainda que a Intendência Municipal buscasse tornar a cidade de Belém um exemplo de modernidade, civilidade e progresso, através de diversas intervenções urbanísticas, os resultados alcançados mostraram-se em desacordo ao idealizado, conforme vem demonstrando a nova historiografia paraense³⁰. Se a alteração na forma como vinha sendo prestado o serviço, de bondes a tração animal para bondes elétricos, contribuiria para construir a imagem de uma Belém moderna, o que se verificou foi justamente o contrário. A imprensa adversária à gestão lemistá, aqui representada pela “Folha do Norte”, mostrou-se como um veículo privilegiado para contrastar o “ideal” e o “real”, trazendo à tona interessantes contradições ao discurso progressista.

Ao “monitorar” os atos do poder público, a imprensa destacou pontos negativos que questionavam os reais benefícios da eletrificação do transporte, neste caso o precário conhecimento sobre a nova tecnologia em implantação e os acidentes em que os bondes elétricos estavam envolvidos — causados provavelmente por deficiências na formação dos motorneiros, na infra-estrutura viária e na informação aos usuários e à sociedade em geral sobre as novas formas de experimentar uma “urbanização às pressas”. Os acidentes representaram, assim, a face mais violenta desse processo de modernização do transporte urbano em Belém e certamente a que mais reações de medo causou aos jornalistas.

Por fim, a imagem de que Belém possuiu o mais moderno serviço de bondes elétricos do País (“tão aperfeiçoado e cômodo como os melhores da Europa e da América”, como declarou o intendente Antonio Lemos em seu relatório³¹, sobretudo com o intento de construir sua própria memória³²), cuja ressonância foi alimentada durante anos pela historiografia vinculada ao mito dos “grandes homens”, é colocada à prova pelas contradições apontadas neste trabalho. A desconstrução da imagem dos bondes elétricos como um dos ícones da “modernidade” mostra que se houve uma era tida como “áurea”, esta foi para poucos.

²⁹ “Cá estão os electricos”. *Folha do Norte*, 8 abr. 1908, p. 1.

³⁰ SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do “Velho Intendente”*. Belém: Paka-Tatu, 2002; OLIVEIRA, Daisy Rocha de. *Um olhar sobre a cidade real (Belém 1897/1900)*. Belém: 1997; ESPÍNDOLA, Paulo Sérgio Machado. *Nos trilhos da “Belle-Epoque”*. Belém: 1998; PANTOJA, Letícia Souto. *Au jour le jour*. São Paulo: 2005.

³¹ BELÉM. *O município de Belém*. Belém: Archivo da Intendencia Municipal, 1908, p. 140.

³² SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do “Velho Intendente”*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

Referências Bibliográficas

- BALCÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913). In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 225-256. (Série Pesquisa em História, 1)
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução por Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1995 (1986). 12ª reimpressão.
- BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 35-68, set. 1984/abr. 1985.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.
- ESPÍNDOLA, Paulo Sérgio Machado. *Nos trilhos da "Belle-Epoque": os quebra-quebras de bondes em Belém de 1907*. Monografia (Graduação em História) — Universidade Federal do Pará, 1998.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Na trama urbana: do público, do privado e do íntimo. *Projeto História*, São Paulo, n. 13, p. 129-149, jun. 1996.
- _____. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru: EDUSC, 2002. (Coleção História)
- OLIVEIRA, Daisy Rocha de. *Um olhar sobre a cidade real: os bondes e seus usuários (Belém 1897/1900)*. Monografia (Graduação em História) — Universidade Federal do Pará, 1997.
- PANTOJA, Letícia Souto. *Au jour le jour — cotidiano, moradia e trabalho em Belém (1890 a 1910)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano — Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzidas a Belle-Époque*. Belém: Paka-Tatu, 2000.
- _____. *Memórias do "Velho Intendente": Antonio Lemos (1869-1973)*. Belém: Paka-Tatu, 2002.